a marca invisível

Antonieta Costa, doutorada pelo ISCTE em Psicologia Social (1998), é Investigadora Integrada do CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde completou em 2014/2017 um pós doutoramento em Antropologia do Espaço e da Paisagem, através do qual investiga e descreve vestígios arqueológicos presentes em três áreas da paisagem terceirense. Trata-se não só de indícios de uma ocupação da ilha anterior à portuguesa, como de sinais de cultura desconhecida. Informação contrária aos paradigmas civilizacionais estabelecidos tornou-se um fenómeno comum, não só por ser universal e repetir-se em variados contextos, como por não existir ainda para o seu estudo científico qualquer método adequado. O fenómeno, caracterizado por uma atitude de profunda e mística ligação com a Terra e com grandes rochas, para além do uso de tecnologias desconhecidas no seu corte e manejo, é baseada na repetição, semelhança e proliferação de vestígios insólitos situados em diferentes geografias e agora designado "Megalitismo". Na Ilha Terceira foram identificados variados sinais antrópicos deste tipo e é como Megalitismo que são aqui apresentados em síntese, para informação pública. Comparação com modelos do exterior permite perceber melhor a integração dos casos da Terceira e a sua forte implantação nesta "cultura global", de um passado remoto.

FICHA TÉCNICA ~ Textos: Antonieta Costa ~ Design gráfico: Rúben Quadros Ramos (CMAH) ~ Fotografias: António Araujo, Antonieta Costa, António Valinho, Carlota Monjardino, Daniela Mendonça, Emanuel Pamplona, George Nash, Lisa McLaughlin, Manuel Meneses, Manuel Nunes, Maria Brito, Marta e Barbara Bretão, Pedro Silva, Sónia Borges e Tiago Costa

Angra do Heroísmo
CÂMARA MUNICIPAL

Esferas

Doris Stone investigou-as e publicou os resultados em American Antiquity, 1943. Samuel Lothrop, do Peabody Museum of Archaeology and Ethnography, da Harvard University, publicou em 1948 o produto da investigação de campo, acabando o Museu por editar em 1963 o resultado final, incluindo o contexto estratigráfico, alinhamentos, mapas, etc. Mais de 500 esferas gravadas como estas (do Neolítico) têm sido encontradas na Escócia, Inglaterra, Irlanda, Orkneys e Noruega (c.7cm).

Bósnia

Bósnia

Bósnia

Bósnia

Bósnia

Bósnia

América do Sul

Costa Rica

Escócia

Muros ciclópicos

São encontrados desde a Rússia ao Peru, evidenciando um rigor de corte e ajuste na sobreposição que exigem sofisticados equipamentos nunca referidos em qualquer informação histórica.

Peru

Peru

Peru

Peru

Itália

Rússia

Grécia

Inglaterra

Ilha Terceira

Construções sofisticadas

Peru

Espanha, Índia
Peru, Peru

Peru

Bagdá

Turquia

Pisco Valley, Peru. No mesmo planalto onde se encontram as "Linhas de Nazca", milhares de covas foram abertas, organizadas numa faixa com cerca de 2 km de comprimento. As covas têm cerca de um metro de largura por um a dois metros de profundidade, embora algumas sejam quase rasas e dêem a impressão de não terem sido acabadas (William Veal, 2015). A faixa contém 8 a 10 covas na largura e calcula-se um total de 6900 covas mais ou menos alinhadas. Nunca foram encontrados nem o material retirado das covas nem instrumentos, ossadas ou qualquer outro indicador.

Japão

Itália

Outras estruturas insólitas no exterior e nos Açores

Vestígios de rodados resultantes da passagem de veículos, alguns supostamente com milhões de anos aparecem dispersos em várias áreas do planeta.

Turquia

Brasil

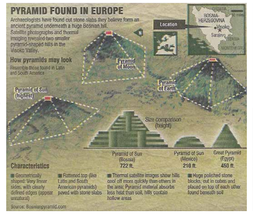
Europa

Porto Martins, Ilha Terceira

São Brás, Ilha Terceira

Santa Bárbara, Ilha Terceira

Estruturas piramidais idênticas às do Egito, surjem também na Europa e na América do Sul, assim como as ilhas tlânticas, Canárias e Açores.



Bósnia

Canárias

Ilha do Pico

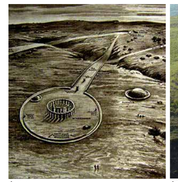
Ilha do Pico

Aparentando ruínas de habitações começaram a ser estudadas por Johan Heine no sul de África, que as documentou do seu avião. Estudos sugerem uma origem de cerca de 200.000 anos, sendo o registo de vida social humana mais antigo. Cobrem uma área certificada pela RADIUS de cerca de 60 km tocando África do Sul, Zimbabué, Botswana e partes de Moçambique.

Junto da área de círculos existe um conjunto de menires alinhados de modo semelhante aos de Stonehenge, que ficaram conhecidos como "African Stonehenge" e/ou "Adam's Calendar" Porém, como noutras circunstâncias, verifica-se que aqui também não terá sido a construção do calendário o principal papel do sítio.

Os Círculos de Pedra Africanos revelam semelhanças com construções em ruínas na Ilha Terceira, até agora inexplicados pela história.

Foto da parte noroeste da Serra de Santa Bárbara, Ilha Terceira, com a Ponta do Queimado, Freguesia da Serreta. Da vasta mancha verde só foi observada a parte a encarnado. Sempre com poucos habitantes, esta foi a última freguesia a ser criada (fins do sec. XIX). As ruínas de construções de planta arredondada cobrindo extensões de (aproximados) 2 a 3 kms quadrados, não encontram explicação histórica. Vasta área arborizada por plantas não autóctones impede a apreciação livre das ruínas.


África

África

África

África

Serreta, Ilha Terceira

Serreta, Ilha Terceira

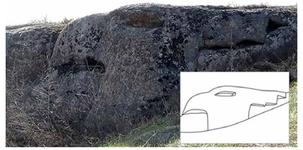
Serreta, Ilha Terceira

a marca invisível

A qualidade "espiritual" atribuída a este tipo de arquitetura deve-se às semelhanças encontradas, por comparação, às que ainda estão ativas junto de povos que mantiveram cultos ancestrais.
As gravuras abaixo representadas (referentes ao Povo Sami da antiga Lapónia), são da autoria do gravador do século XVIII Bernard Picart que se dedicou a estudar e reproduzir cenas de religiões e cultos de todo o mundo, no que foi considerado um esforço gigantesco. As atenções dirigem-se para pedras (ou troncos de árvore) com formas zoomórficas e antropomórficas, situados no topo de colinas.

Reproduzido da obra "A Touch of Red", de Antti Lahelma, com autorização do autor. Gravuras de Bernard Picart, 1723-37, Amsterdam, Kuva Museovirasto.

As duas fotos de rochas com figuras "humanas", também reproduzidas da obra "A Touch of Red", de Antti Lahelma, são de um campo de estudo na Finlândia, onde escavações nas suas bases revelaram materiais de culto.

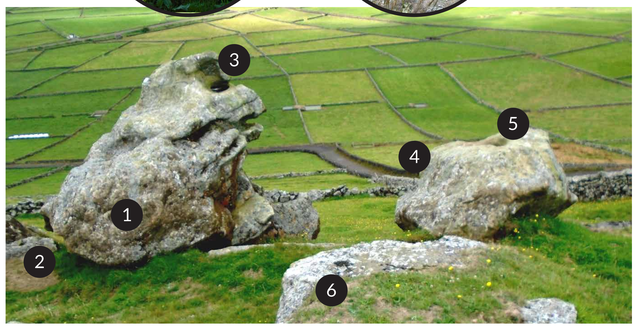


Rússia

O megalitismo na montanha de Mokhnatya foi descoberto em 2013 mas só agora começou a ser desvendado.

Megalitismo na Serra do Cume

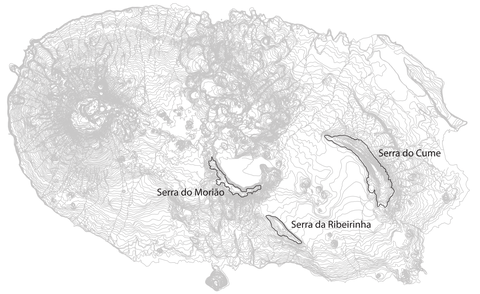
1. Geoglifo ("sapo")
2. Rocha com 6 marcas de corte
3. 2 pias como "olhos"
4. Rocha "altar"
5. Pia
6. Plataforma circular



Megalitismo na Serra da Ribeirinha

Neste painel são apresentados esquematicamente exemplos de alguns dos "núcleos" das duas Serras aqui em explanação, em cuja proposta arquitetural podem ser encontrados elementos repetitivos (ex.: pias), considerados no passado como essenciais à prática destes cultos. Conforme se pode observar, junto de cada uma das figuras humanóides (ou similares) existe sempre uma ou mais pias escavadas, inscrições, marcas de corte e outros sinais (mais informação no Painel 6).

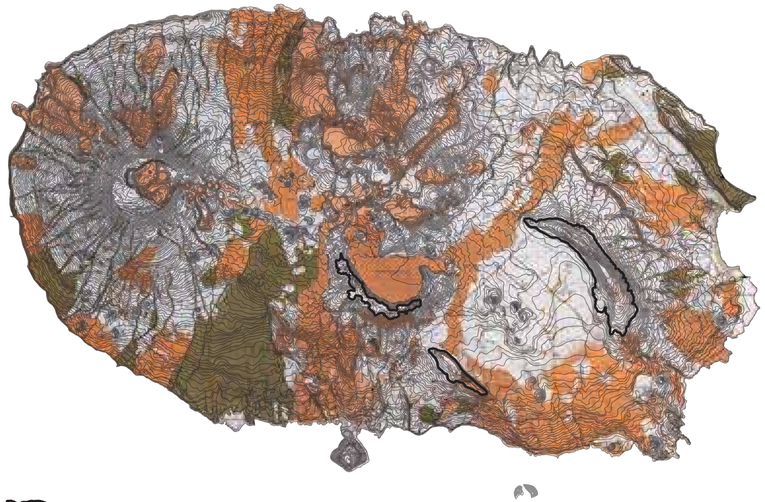
Arquitectura mística da paisagem na Terceira



a marca
invisível

Mapa do Megalitismo na Ilha Terceira

Esta Carta Geológica da Ilha Terceira (dos Serviços Geológicos de Portugal) exibe as zonas de Traquitos em tons rosa e salmão. É nesse tipo de rocha, predominante na Ilha Terceira (60%, ao contrário das restantes ilhas do Arquipélago), que surgem vestígios arqueológicos descontextualizados da cultura local e coincidentes com o conceito de Megalitismo.
Destes, a Serra do Morião possui uma identificação do conceito "Megalitismo" com a sua definição inicial: os "Dolmens".



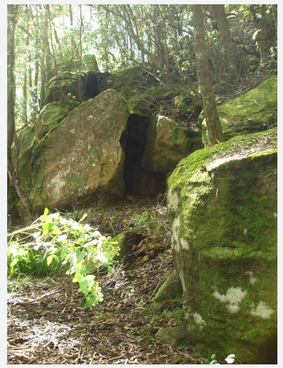
Serra do Cume

Serra do Morião

Serra da Ribeirinha

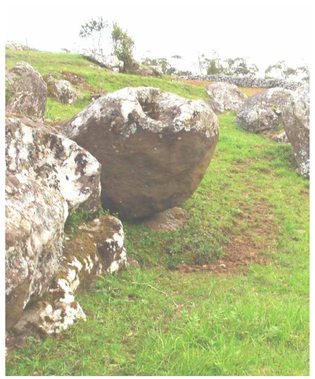
Dolmens

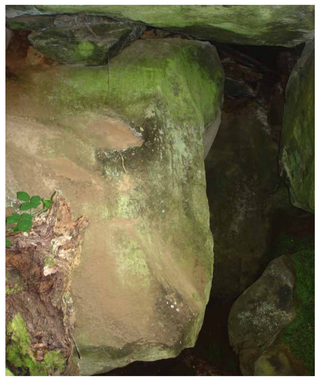
Três dos Dolmens situam-se num patamar superior e exibem características de cultos urânicos, enquanto outros dois, num nível abaixo poderão ser de mística ctónica (dois túneis sobre um deles – elevando-se num "axis mundi"). Os outros dois poderão ter estado ligados à mística das águas, por se situarem nas margens do riacho, quando este sobe à superfície.



Na área geográfica da Serra do Morião são os Dolmens a desempenhar o papel de núcleo ou "centro espiritual" (provavelmente com funções semelhantes) onde também não falta esse elemento essencial: as pias.
Distribuem-se ao longo de um afloramento rochoso linear, na direção norte/sul, sob o qual passa um curso de água subterrâneo. Ao contrário do que se observa nas outras duas Serras estão rodeados de vegetação e numa maior proximidade com centros habitacionais, a uma altitude ligeiramente inferior.

Em parcelas de terreno laterais, em exploração agrícola (cerrados), desenvolvem-se outros megalitos também acompanhados de pias, mas (presentemente) sem outras características de "centro espiritual".





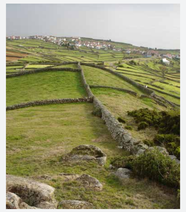
a marca invisível

Núcleos temáticos funerários?

A arquitetura da paisagem à volta das grandes rochas ou megalitos com formas estranhas e também Dolmens, é criada a partir de componentes específicas: pias, marcas de corte, muros de perímetro (períbolos), cairns, inscrições, esculturas e "pinturas" a ocre. Cada uma das 3 serras possui alguns desses objetos particularizados, sendo a distribuição topográfica de menires inseridos nas paredes de cerrados exclusiva da Serra do Cume, tal como a construção de Dolmens o é da Serra do Morião. Entre os dois casos está a Serra da Ribeirinha, também com ocorrências originais, como sejam a "Pedra Furada" e sua paisagem exclusiva; as "figuras construídas" do lado norte Lagarto ladeado de cara, pias e barco, Leão e altar, Esfinge, etc. para além das esculpidas, algumas ao longo do "Períbolos" a este.. As pias e as marcas de corte surgem em todas como elemento de ligação. Apresenta também várias construções de cairns contidos num espaço próprio delimitado por marcas de corte e vizinho da Pedra Furada, com acesso por via lajeada e finalizado a sudeste por uma paisagem em forma de concha. O lado oeste desta serra apresenta ainda várias outras áreas: o Castelo, o Rapaz e o Banco do Druida.

A cura

Pedra furada



Grupo 5, Serra da Ribeirinha

Extremo oeste

Extremo este

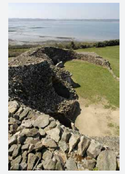
Extremo sul

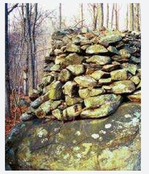
Centro

Portal de entrada sul do Grupo 5

A morte

Cairns na Ilha Terceira





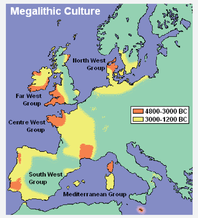
Fish Cairn

Cairns - Barnerez, França

Cairns - nordeste do continente americano

a marca invisível

Monumentos megalíticos da pré-história



Cromeleque (Cromelech) é o termo usado para designar conjuntos de diversos menires (mapa) dispostos em um ou vários círculos, em elipses, em rectângulos, em linhas paralelas, ou noutras estruturas mais complexas

Alinhamento de Ménec - formado por 1.099 menires fincados ao longo de 11 fileiras com 1165 metros de comprimento por 100 metros de largura seguindo o eixo SO/NE.

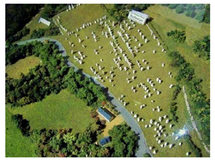
Alinhamento de Kermario - composto por 1.029 menires, contemporâneos aos de Ménec, compoêm 10 linhas paralelas de 1.120 metros de comprimento

De notar a existência de inscrições na superfície de alguns dos menires (ou orthostats)

Menires e megalitismo

Na Serra do Cume, uma forma arquitetural muito específica do Megalitismo surge com dominância: os "Menires" - idênticos aos de Carnac, na França e a outros de áreas específicas das costas Atlânticas da Europa, América e África. Irene Garcia-Rovira, arqueóloga da Universidade de Manchester com vasta obra sobre o tema, tem a modéstia de afirmar que estas são as únicas definições possíveis sobre "Menires": "É basicamente uma pedra que foi colocada em pé por ação humana e que as "standing stones" aparecem em regiões onde também existem outras estruturas megalíticas". Afirma igualmente que, a despeito da sua aparência homogénea, apresentam uma tremenda variabilidade, pelo que é impossível estabelecer um modelo que ajude na sua definição.
É esta também a definição apropriada para a manifestação do fenómeno na Terceira.

Cromeleque de forma retangular, Carnac, França

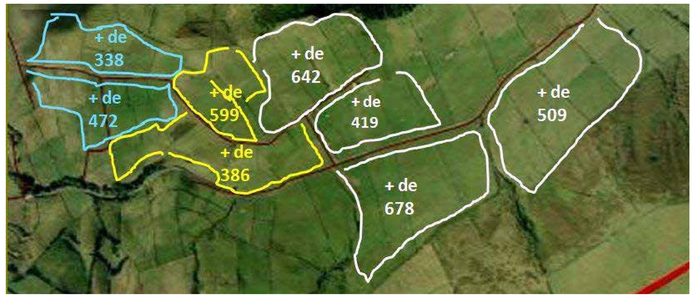


Presentemente em fase de levantamento para contabilização, os Menires do Planalto da Serreta (Serra do Cume) formam uma concentração inédita, provavelmente superior a qualquer outra conhecida (mesmo sendo selecionados apenas os de 1m ou + de aresta). Tratando-se de pedras cortadas, porque não surgem com estas formas naturalmente, e vários milhares, como já se percebeu, apresentam-se como fenómeno megalítico de grande importância, nesta informação sobre o megalitismo na Terceira.

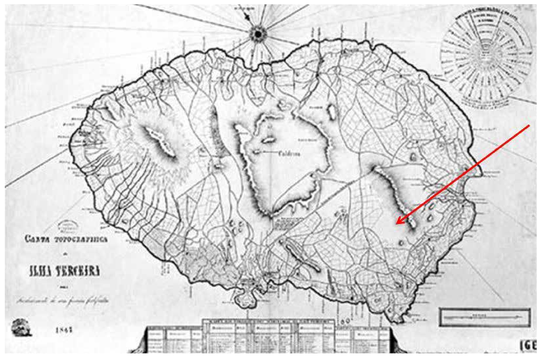
Aparte a sua predominância numérica, é de notar que, se os que estão deitados fossem levantados, a paisagem seria outra. Também possuem inscrições e "desenhos" de expressão artística notáveis.
Numa Carta Militar de 1841, de informação detalhada sobre os "cerrados", esta zona foi deixada em branco. Terá sido ocultação propositada? Lembrando a importância que o lema das "Descobertas" tem para o Estado Português, as Cartas Militares seriam documento comprometedor se revelassem algo construído pelo homem, anterior ao séc. XV nos Açores. No espaço deixado a branco (embora tão próximo dos restantes rigorosamente desenhados) existem milhares de pedras talhadas pesando toneladas, o que não parece natural. Por esta planta anterior, de 1804, igualmente resultante de levantamento Militar, percebe-se que tinham conhecimento de formas estranhas neste sítio, porque foram desenhadas e feitas outras anotações. O espaço a branco da Planta de 1841 terá então outro significado.
Questões levantadas: Se não existiam estas paredes em 1841, quem as fez? Sabemos agora que terá sido necessário mover milhares de rochas pesando toneladas, muitas vezes em declives bastante inclinados. Quem foram estes construtores? Por outro lado, se já estavam construídas em 1841, porque razão os militares não as referiram no seu mapa?

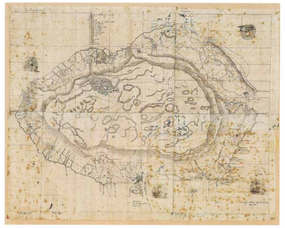
A pretensão de unir o fenómeno megalítico da Serra do Cume ao de Carnac (na Bretanha Francesa) deve ser entendida na sua verdadeira intenção: são ambos relacionados com pedras maiores que as usuais (neste caso, para paredes), utilizadas de modo incomum e tendo necessitado um grande esforço coletivo (que não deixou marca na história).

Menires aparecem ligados ao culto dos mortos de diversas formas. Surgem em grande número na costa Atlântica Europeia e Mar Báltico (conforme mapa). Na Ilha sueca de Gotland assumem configurações de barcos, que para além da função de túmulos, levariam as almas na sua vigem após a morte (conforme crença local).



Hoje, 20 de Janeiro de 2012, os menires da Terceira atravessam uma fase importante: a sua contagem ultrapassou a da maior concentração de menires da Europa - Carnac - que já possuíram 4000 e agora só restam 3000. Na Terceira, com cerca de apenas metade da sua área contabilizada, já são mais de 4000.

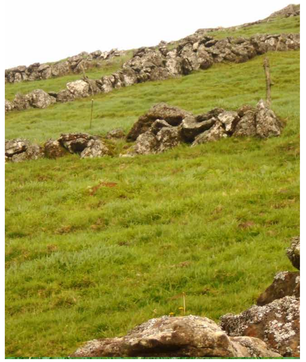




ALMEIDA, José Rodrigo de, fl. 1844-1868
[Ilha Terceira] / José Rodrigo d'Almeida, Major do R.I. Cp.ª de Engen.ª. – Escala [ca. 1/80 000]. – huma légua [18 ao grau] = [7,50 cm]. – 1844. – 1 mapa : ms., pb. ; 49x62 cm.

1148/A-3-44-4

Este mapa da Ilha Terceira é um dos mais interessantes documentos de trabalho do núcleo cartográfico dos Açores existente na Direcção dos Serviços de Engenharia. O seu autor, José Rodrigo de Almeida, então pronunciado a Major do Real Corpo de Engenheiros, dispôs sobre um apertado reticulado de base os diversos fenómenos segundo a sua localização geográfica. É o caso da rede hidrográfica ou do povoamento mas, em particular, do relevo (diversos tipos de formações vulcânicas) e da ocupação do solo: terra lavrada, arvores, vinha, mato, etc. A diversidade de informações locais pode ser avaliada através de dois pequenos "tipos" anexos: "Terra fertil e de primeira" e "Terra cuja agoa cura muitas molestias". Pois, o documento, ao ser abandonado, estava longe da sua versão final, a avaliar pelas muitas emendas e correcções.



a marca invisível

Pias

O único elemento comum a todos os grupos e às 3 Serras são as "Pias" - escavadas na rocha-mãe e, geralmente, próximas de figuras antropomórficas e zoomórficas (embora as marcas de corte estejam em quase todos os grupos).

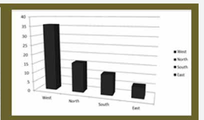
O estudo das pias fez-se a partir de quatro modelos padrão (e de um quinto alongado, a enquadrar as exceções). Porém alguns casos estranhos inéditos, como o do extremo sul das duas Serras – do Cume e da Ribeirinha - ambos com a figura de um barco elaborada a partir do vão da pia, levantam a questão da simbólica ligada a esta peça arquitetural.

Nas fotos abaixo estão os dois casos exceção, situados no extremo sudeste das duas Serras, como marcos misteriosos.

Área	GRUPO	Conjunto	Pia	Mod	DIMENSÕES				Escoad	Geoglifos
					D1	D2	A1	A2		
S. Cume	1	1	1	A	60	70	5	4		LEÕES
S. Cume	1	2	2	A	48	38	38	8	W	ESTÁTUA 1
S. Cume	1	2	3	D	35	13	12	4	W	ESTÁTUA 1
S. Cume	1	2	4	D	17	12	15	3	W	ESTÁTUA 1
S. Cume	1	2	5	A	30	20	17	6	S	ESTÁTUA 1
S. Cume	1	3	6	D	36	33	21	0	S	ESTATUA 2
S. Cume	1	4	7	D	60	50	28	20	N	3 CARAS
S. Cume	1	4	8	D	70	66	40	10	N	3 CARAS
S. Cume	1	4	9	B	23	18	48	10		3 CARAS
S. Cume	1	4	10	D	90	35	4	13		3 CARAS
S. Cume	1	4	11	D	17	12	30	15		3 CARAS
S. Cume	1	5	12	B	30	20	17	6		TARTARUGA
S. Cume	2	1	13	D	22	19	12	5	E	ESTÁTUA 2
S. Cume	2	2	14	E	40	12	6	4	ENE	ESTÁTUA 2
S. Cume	2	3	15	D	20	20	6	4	E	ESTÁTUA 2+MONO
S. Cume	3	1	16	A	60	50	7	5	W	VIKING
S. Cume	3	2	17	D	20	20	35	28	W	VIKING
S. Cume	3	1	18	D	20	20	30	20	W	VIKING
S. Cume	3	2	19	D	22	18	25	20	W	VIKING

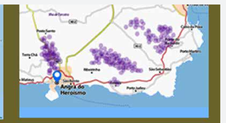
O estudo estatístico do seu registo revelou a procedência antrópica, manifestada na tendência da orientação do escoadouro para o quadrante Norte/Oeste, conforme o gráfico abaixo. Em Excell existe o levantamento completo com todos os dados obtidos e localização or GPS (disponível na CMAH)

	RIBEIRINHA	SERRA DO CUME	GRUTA DO MEIO	TOTAL	% Total
NORTE	11	2	1	14	13,46%
NORNOROESTE	1	1		2	1,92%
NORDESTE	5			5	4,81%
ESNORDESTE	1			1	0,96%
ESTE	1	1		2	1,92%
ESUDESTE	5	1	6	12	11,54%
SUDESTE		1		1	0,96%
SUSUDESTE	5			5	4,81%
SUL	3	3	1	7	6,73%
SULSUDOESTE	2	1		3	2,88%
SUDOESTE	2	1	2	5	4,81%
OESUDOESTE	2	2	2	6	5,77%
OESTE	7	15		22	21,15%
OESNOROESTE	4	3	4	11	10,58%
NOROESTE	2	1	4	7	6,73%
NORNOROESTE		1		1	0,96%
TOTAL	53	33	20		
% Total	49,04%	31,73%	19,23%		

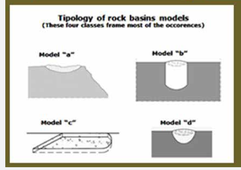


From the 185 basins recorded, 30 had no drain. Counting only the four key Cardinal positions on the remaining 155, 96 are oriented to West and North whereas East and South have 13 occurrences.

West point, by itself, counted 36 unities, followed by North with 16, while South has 11 and East only 6. Such big difference between 36/West and 6/East established the indication of a clear intentionality in their construction.



Tipology of rock basins models
(These four classes frame most of the occorences)



Geographical distribution of basins

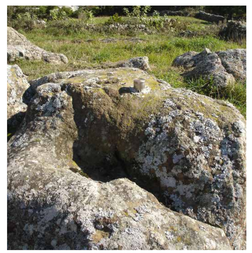
185 rock basins shaped as these models been recorded and studied.

Preferences were noticed in the orientation of the draining channels

Serra da Ribeirinha

Serra do Cume

Serra do Morião



a marca invisível

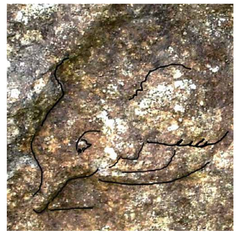
Inscrições

A questão das "inscrições" (riscos gravados nas rochas) irreconhecíveis em qualquer léxico, assim como a dúvida entre se seriam obra humana ou da natureza - dominou a perplexidade sobre os primeiros contactos com este fenómeno, tal como acontece noutras partes do mundo onde se manifestam sinais de Megalitismo. Gradualmente porém, a primeira hipótese impôs-se face à imensa variedade de indícios. Serão obra humana, então!
Pouco habituado a manifestações deste tipo, o público vê-se obrigado a questionar processos íntimos da sua mente, na busca de uma resposta fisio-psicológica que o coloque em paralelo com os autores das obras.

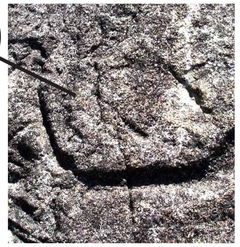
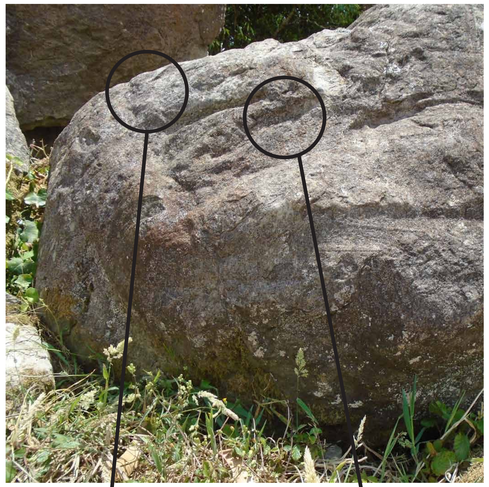
Observando o fenómeno a partir da interação "homem/natureza" (na sua manifestação ideal) admite-se que o resultado seja interpretado como uma expressão espontânea de "cultura", já que esta é indispensável à sobrevivência humana, e estes vestígios corresponderiam a uma sua longa permanência local.
Neste pressuposto, a conclusão será a de que houve uma intenção de comunicação a partir do arrebatamento resultante da fusão de ambos - "homem/natureza" - ato que o linguista Noam Chomsky designa como "Cultura".
Entendendo estes registos como uma forma de comunicação desse sentimento e da sua linguagem, ou "Cultura", resultante da intensa identificação do autor com os fenómenos naturais, aceita-se que, tal como Chomsky propôs, "representações cognitivas" possam induzir "representações semânticas", assumindo formas gráficas realistas, ou seja - linguagem. Face aos conteúdos aqui presentes, não se poderá duvidar da qualidade elucidativa de testemunhos da ocorrência dessa fusão íntima do homem com a natureza, da qual brota a sua comunicação.

Tecnologia utilizada no corte da pedra parece idêntica à empregue nas inscrições egípcias, devido à perfeição das linhas nas arestas resultantes.

Representações de pássaros



Representações de peixes

Representações de humanos

Representações de barcos